



Meu Amigo Ronny

Rio set 01, 2014

Há em nossas vidas, pessoas que marcaram épocas. Umas por partilharem interesses comuns, outras por terem sido colegas em trabalhos, empreitadas ou mesmo em aventuras marcantes das quais participamos.

Algumas dessas pessoas se tornam nossas amigas para o resto da vida, o que não significa estarmos sempre nos falando.

A vida, às vezes, nos faz seguir caminhos diversos, separando pessoas e nem por isso encerrando as amizades.

Pois o Ronny é um desses que virou amigo para sempre e que eu não vejo há alguns anos.

Lembro-me bem do dia em que nos conhecemos em sua casa-apartamento no Leblon. Tratava-se de um apartamento no térreo de um daqueles prédios antigos, baixinhos, que existiam em profusão em Ipanema e no Leblon. Por ser térreo, incorporava o que seria o "playground" em construções mais modernas e dava ao imóvel uma perfeita sensação de se estar numa casa. As festas juninas lá promovidas eram sempre muito concorridas.

Já o conhecia de nome e de fama antes de finalmente nos conhecermos pessoalmente. Quem nos apresentou foi sua mulher Sandra, que na época era minha coordenadora na Universidade Católica do Rio, onde eu lecionava.

O Ronny, nos corredores do SERPRO¹, era cantado e decantado como o gênio da lâmpada, engenheiro formado no ITA², convidado do então presidente para assumir uma diretoria e que depois de alguns anos largou tudo e foi morar numa ilha em Angra dos Reis, onde viveria da manutenção de motores náuticos.

Isto já havia acontecido há vários anos, o sonho já havia mudado, a ilha tinha ficado para trás, mas o espírito aventureiro continuava intocado.

¹ SERPRO – Serviço Federal de Processamento de Dados, empresa pública de prestação de serviços de computação e assessoria técnica para o Ministério da Fazenda, na qual trabalhei de 1973 a 1988.

² ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica – Escola de engenharia mantida pela Aeronáutica brasileira e tida, na época, como uma das melhores, se não a melhor escola de engenharia do Brasil

Eu diria que nossa apresentação foi um sucesso. Conversamos por horas a fio, discutimos muito, e ao me despedir deles, eu estava completamente fascinado.

Louro dos cabelos quase brancos e bem aparados, sua tez era tão clara, que a princípio fiquei na dúvida se não havia um quê de albino.

Tipo sanguíneo, rosto sempre corado, pele repleta de sardas, presentes do sol de Angra, olhos pequenos de um azul profundo encimados por sobrancelhas quase invisíveis de tão brancas, estatura mediana, aí por volta de um metro e setenta e poucos e um nariz meio abatatado. De ascendência grega, que lhe valeu por muito tempo o apelido de "grego", ostentava o pomposo nome de Ronaldo Panayotis Contopoulos.

Uma de suas histórias preferidas era de quando estive na Grécia. Ainda no aeroporto, pedi desculpas em inglês ao oficial da imigração por não falar grego. O oficial muito educadamente lhe respondeu que não havia problema, pois era natural que turistas estrangeiros não falassem grego e, ao abrir seu passaporte exclamou: - Mas como o senhor não fala grego?

Agudo no raciocínio, curioso, teimoso, inquiridor, tinha o hábito de divergir de opinião sempre que podia, gerando, não raro, discussões que varavam madrugadas. Com o tempo, vim a perceber que a duração desses colóquios acalorados era quase sempre inversamente proporcional à certeza que ele tinha de seu ponto de vista. A discussão se prolongava quando ele achava que o interlocutor tinha um bom conhecimento sobre o assunto e ele queria explorar esse detalhe em proveito próprio ou quando ele, embora também não tivesse opinião fechada sobre o tema, queria testar o quanto o outro lado estava certo de suas convicções.

Comecei a frequentar sua casa com alguma assiduidade e, ajudado pelos muitos interesses comuns, como mar, barcos, pescarias, música, em especial a bossa nova, violão, uísque, lógica, computadores e pitadas de matemática, viemos com o tempo a firmar uma sólida amizade.

Com o passar dos anos, acrescentamos aos interesses comuns o da culinária dedicada aos frutos do mar. Formamos então uma parceria interessada, onde eu me encarregava de providenciar os peixes, ele de prepará-los e, é claro, ambos de degustá-los. Não raro, amigos mais próximos eram convidados a participar dos regabofes. Eram noites de muita alegria e descontração.

Fui então apresentado ao "Peixe ao Porre", receita inventada por ele para designar um peixe assado com seus temperos tradicionais: cebola, tomate, salsa, um pouco de vinho branco e, como ingrediente especial, regava-se o peixe de tempos em tempos com o que se estivesse bebendo na hora. Esta prática fazia do preparo desse prato uma grande festa, onde a graça, segundo o Ronny, era que o prato estaria pronto quando ambos, o peixe e o cozinheiro, estivessem de porre.

Por conta de um segundo casamento desastrado, que felizmente não resistiu mais que três anos, fiquei meio afastado deles até que, solteiro outra vez, voltei a encontrá-los.

Por essa época, estavam construindo uma casa em Angra, literalmente na beira d'água, numa praia afastada do centro.

Durante alguns meses, fomos para lá quase todos os fins de semana acompanhar a obra, acampar no vasto terreno à beira do mar e fazer planos para quando a obra estivesse terminada.

Frequentei assiduamente essa casa pelos dez anos seguintes, tendo lembranças memoráveis dessa época.

Havia, como parte dos despojos da ilha onde ele morou, um casco de lancha de dezesseis pés feito em compensado náutico. Esse casco, batizado de "Cachaça", era obra assinada pelo Moacir da Ilha do Governador, tido na época como um "craque" na fabricação de cascos de lanchas.

Ampliamos então nossa parceria, dividindo o custo de um motor de popa Johnson de 60 cavalos para nos levar em passeios e pescarias aventureiras no mar de Angra.

Lembro-me com saudade de um Peixe ao Porre memorável, uma garoupa de 16 quilos arpoada na ponta do Acaiá na Ilha Grande e que reuniu praticamente toda a praia do Retiro para saboreá-la, regada a cachaça, uísque, vinho e não sei o que mais o Ronny jogou nela durante as quase quatro horas em que ficou assando no forno.

Lembro também de uma pescaria noturna por trás da ilha Caieira, quando, depois de uma hora buscando em vão siris e camarões, mudamos de local e, por sorte, apoitamos literalmente em cima de um cardume de peixes-espada, o que nos rendeu uns bons vinte quilos de pescado a bordo, para a alegria do Paulo Bruno e do Nido, nossos filhos, que nos haviam acompanhado e que também contribuíram com alguns peixes.

Só a título de fechamento do segmento culinário, não podia deixar passar o melhor "spaghetti al vongole" de minha vida, quando passamos uma manhã inteira sentados dentro d'água, na praia da Julia¹, bebendo já não lembro o quê, em copos de plástico pousados em bandejas-boia, jogando conversa fora e com as mãos enfiadas na areia, à procura de vôngoles abundantes por ali, os quais depois de enxaguados, eram depositados num balde estrategicamente levado para esse fim. O jantar desse dia ficou a cargo já não sei se do próprio Ronny ou da Marlene, mulher do Zé, seus caseiros. O certo é que esse dia ficou no rol dos momentos inesquecíveis de minha vida.

Conviver com o Ronny sempre foi uma aventura repleta de passagens curiosas. Viajar do Rio a Angra na "Caquética" era um bom exemplo. Tratava-se de uma perua Volkswagen modelo Variant do início dos anos 70, que um dia havia sido branca, mas que na época já ostentava uma cor indefinida entre o creme poeira e o marrom lama. Foi nas poucas vezes em que a vi lavada que descobri o significado do "cor-de-burro-quando-foge". Não raro, o motor ameaçava falhar, embora eu nunca tenha presenciado uma pane total nas vezes em que estive a bordo.

Para aumentar a sensação de aventura, fui informado algum tempo depois, que a documentação da Caquética consistia apenas do documento original do ano em que foi comprada. O Ronny só pagava os impostos, como o IPVA² e o seguro obrigatório, no ano em que comprava o carro. As passagens, rumo a Angra, pelos postos da Polícia Rodoviária Federal perto de Itaguaí e depois já em frente ao estaleiro da Verolme, se transformaram em momentos de suspense e emoção. Passei a ir com meu carro, mesmo tendo que, não raro, viajar sozinho.

Alguns anos depois de construída a casa, o Ronny se desfez da Caquética, não sei se por venda ao ferro-velho ou doação, adquirindo outra perua, uma Chevrolet Caravan pouco usada, com motor de 6 cilindros e 4,1 litros e que passou a ser chamada de Caquética II. A partir do segundo ano de posse, com os documentos já vencidos, as emoções voltaram, só que bem mais velozes.

¹ Julia era uma vizinha do Ronny, que tinha uma casa pré-fabricada na talvez melhor localização da Praia do Retiro. O grande terreno terminava em uma praia que, pela conformação da costa, só possuía acesso por terra através de sua propriedade, tornando-a praticamente uma praia particular.

² O IPVA – imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores, ainda não havia sido criado, o que havia era a TRU – Taxa Rodoviária Única.

Foi lá que tomei contato pela primeira vez com um LP de um conjunto vocal americano chamado Singers Unlimited, cantando antigos sucessos que incluíam o Lullaby of Birdland e que mexeram comigo.

Eu explico. Um dos sonhos que tive até os vinte e poucos anos foi cantar em um quarteto vocal como Os Cariocas, Momento Quatro, 004 do Luiz Athaide ou o Boca Livre. A harmonia em vocais sempre me fascinou, me levando a cantar no orfeão do colégio e depois no Coral da PUC.

Quando ouvi aquele som, fiquei encantado e não descansei até que, quase vinte anos depois, consegui localizar e baixar pela internet uns dois ou três LP's deles que se encontravam esgotados. Hoje, quando ouço essas músicas em meu carro, transporto-me imediatamente para a Angra dos anos 80 e a casa do Ronny.

Os carnavais em Angra eram extremamente concorridos, sobrando aos solteiros, como eu, invariavelmente a opção de acampar na garagem de barco, que na época era o piso inferior da casa. A indumentária de nosso anfitrião naqueles dias, principalmente na hora dos desfiles pela praia, era uma sunga envolta por uma fralda, às vezes uma touca de bebê e sempre uma mamadeira pendurada por um colar ao pescoço e cheia de cachaça. Nessas horas, ele sempre me fazia lembrar o Vadinho de Dona Flor, na abertura do filme.

Por conta dessas idas e vindas a Angra, outras amizades se formaram. Amigos que eventualmente vejo até hoje, como o Horacinho, um dos médicos do grupo que tinha a capacidade de dormir onde estivesse e detestava ser acordado para ir para sua cama, mesmo que estivesse torto, mal acomodado e correndo sério risco de um torcicolo ou um tombo. O outro médico do grupo era o Gê, bom companheiro de mergulho que, por ser urologista foi alcunhado pelo Horacio de "um médico do pirú". O outro "habitué" era o Denis, engenheiro do Porto de Angra, morador da praia do Retiro e vizinho do Ronny.

As noitadas regadas a muito GG¹ e tubainas no início e a Johnnie Walker bem mais tarde quando as finanças já permitiam, eram sempre muito concorridas e animadas.

¹ GG, apelido do uísque nacional Green and Gold, de sabor duvidoso, mas que era largamente utilizado por nós na época, por seu preço barato e pela quantidade que se bebia.

Lá presenciei namoros e casamentos iniciarem e se desfazerem, pulos de cerca disfarçados, brigas amorosas e reconciliações, algumas bebedeiras e choros de coração partido, que normalmente não resistiam a um dia seguinte de sol, praia e diversão.

Lembro-me de quando ele e Sandra resolveram se separar , me deixando bastante triste e completamente dividido, sem querer tomar partido. Foi quando a Sandra, percebendo meu embaraço, me disse que embora ela também não estivesse nada bem, achava que ele, naquele momento, é quem estava mais necessitado de apoio.

Alguns anos depois, o Ronny conheceu a Gloria com quem veio a se casar e sossegar.

Os anos 90 vieram com meu terceiro casamento, mais um filho e o conseqüente afastamento de lá. Não total, mas com mulher e filho pequeno, tudo fica mais complicado na hora de se viajar e acomodar.

Embora nunca tenhamos deixado de nos falar, os interesses foram mudando. Eu me separei e casei mais uma vez, os filhos cresceram, nossas idades também e as inevitáveis mazelas começaram a dar sinal de vida. Com isso nossos encontros foram se tornando cada vez mais esparsos até quase não nos vermos mais.

Em 2008 veio a triste notícia de que ele estava seriamente doente, num momento em que eu também estava fragilizado com a doença de Martha, minha mulher.

De lá para cá ainda nos encontramos algumas vezes, sempre em aniversários. No meu, em Angra, na casa do Denis. No da Martha, um ano depois, na festa de celebração à vida e finalmente em um aniversário dele, acho que em 2011.

Menos mal que ela conseguiu se curar e que a doença do Ronny se revelou crônica, do tipo que atrapalha, mas que se ele tiver disciplina e apoio (coisas em que a Gloria é exímia) aliados a um tratamento adequado, a vida pode seguir indefinidamente.

Algum tempo atrás em uma loja de discos, garimpando gravações pouco divulgadas, achei um CD do Tom Jobim contendo uma gravação com ele ao piano cantando Garota de Ipanema e fazendo improviso com aquela sua voz pequena e meio rouca. Escusado dizer que essa gravação me fez lembrar imediatamente do Ronny em Angra, à beira da piscina construída estrategicamente no segundo andar, de costas para as luzes piscantes das casas na

Ponta do Sapê, tocando seu chiquererérrimo violão Di Giorgio modelo Autor 3 e fazendo improvisos tipo be-bop com a voz. Não resisti e comprei.

Um dia desses, eu mando para ele.

Rev 01 - 10/10/2014

Rev 02 - 17/10/2014

Rev 03 - 20/10/2014

Rev 04 - 24/11/2014

